

# **A OUTRA FACE DA GUERRA**

Fotografias e textos de Nádía Conceição



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**COMUNICAÇÃO - JORNALISMO**

**NÁDIA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO**

**A OUTRA FACE DA GUERRA**

**SALVADOR - BAHIA**

**2009**

**NÁDIA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO**

**A OUTRA FACE DA GUERRA**

Memória do trabalho de conclusão de curso de graduação em comunicação – habilitação em jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. José Mamede

**SALVADOR – BAHIA**

**2009**

## **Dedicatória**

Oferto esta obra a todos aqueles que a tornou crível em suas variadas etapas.

De modo especial, dedico a minha mãe, Joana, aos meus familiares, pelo apoio incondicional que sempre deram aos meus projetos, em especial, minha irmã, Nilzete, que atuou como minha produtora em todo o processo de realização das fotos. Aos meus irmãos, Cosme e Paulo e à minha irmã, Ediléia. À minha avó, Tereza Nascimento, ao meu padrasto, Banedito Chaves e aos meus sobrinhos, Tainá, David e Mayele.

Aos espadeiros do município de Cruz das Almas, Juvanildo de Santana, Adilson da Silva, Rosival Rodrigues, Alessandro dos Santos, Marcelo Cerqueira, Nival e Quinho, que proporcionam o espetáculo cultural e, particularmente, ao senhor Edmilson Cerqueira (Missinho) por ter compartilhado suas experiências e conhecimentos comigo acerca do tema. E a Maurício Cruz.

Ao professor e fotógrafo Paulo Munhoz, pela pré-seleção das imagens, ao estagiário em fotografia da Ascom da Secretaria de Comunicação da prefeitura municipal de Salvador (Secom), Wendell Wagner, que me auxiliou na edição das fotos que compõem este livro. A Candido Vinicius, que teve calma com minha correria no processo de diagramação e finalização. A Casa da Cultura Galeno D' Avelírio, que enriquecem a publicação com a doação dos textos de seus poetas.

Em especial aos queridos amigos, Jane Evangelista, Aldalice Cruz, Neusa Martins, Inês Costal, Rebeca Bastos, Carina Gazar, Juliana Montanha, Juliana Souza, Renata Freitas, Jorge Gauthier, Robson Carneiro, Éric Luiz, Thiago Pereira, Taciana Gacelin, Matheus Feitosa, Alan Botelho, Anderson Sotéro, Ugo Melo e Vinicius Carvalho.

Este trabalho também é dedicado aos professores que acompanharam a minha trajetória estudantil, que contribuíram, direta e indiretamente, pela escolha do tema e pela definição deste formato como produto final. Aos meus amigos de Cruz das Almas que me acompanharam durante estes quatro anos e meio e, de maneira particular, aos professores Thiago Prado, por revisar os textos e a José Mamede, que com seu apoio e orientação, tornou-o realidade.

## **Sumário**

<b>Apresentação</b>	<b>08</b>
<b>Introdução</b>	<b>09</b>
<b>Justificativa</b>	<b>11</b>
<b>Espadas: patrimônio popular</b>	<b>13</b>
<b>A cultura e o popular</b>	<b>18</b>
<b>A imagem capturada</b>	<b>21</b>
<b>Relato do processo de registro</b>	<b>25</b>
<b>Elaboração do livro fotográfico</b>	<b>27</b>
<b>Cronograma de execução</b>	<b>31</b>
<b>Orçamento</b>	<b>32</b>
<b>Conclusão</b>	<b>33</b>
<b>Bibliografias</b>	<b>34</b>
<b>Apêndice A - A produção das espadas</b>	
<b>Apêndice B - A pirotecnia</b>	
<b>Apêndice C- Entrevista com o prefeito de Cruz das Almas</b>	
<b>Anexo 1 - Decreto 6465/97   Decreto N° 6.465 de 09 de junho de 1997 da Bahia</b>	
<b>Anexo 2 – Norma Técnica N° 08/2002 – Fogos de artifícios - Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal</b>	

## Índice de imagens

<b>Figura 1:</b> show pirotécnico nas ruas da cidade	<b>14</b>
<b>Figuras</b>	<b>15</b>
<b>2:</b> show pirotécnico nas ruas da cidade	
<b>3:</b> espada pronta para ser tocada	
<b>Figura 4:</b> espadeiros preparados para a guerra de espadas	<b>16</b>
<b>Figura 5:</b> capa do livro	<b>30</b>
<b>Figuras</b>	<b>38</b>
<b>6:</b> encerando o cordão	
<b>7:</b> processo de enrolar o bambu	
<b>Figuras</b>	<b>39</b>
<b>8:</b> pilando a pólvora	
<b>9:</b> fabricação de espadas	
<b>10:</b> fabricação de espadas	
<b>11:</b> fabricação de espadas	
<b>Figuras</b>	<b>40</b>
<b>12:</b> brocação das espadas	
<b>13:</b> espada brocada	
<b>14:</b> marcação para efetuar a brocação das espadas	
<b>Figuras</b>	<b>41</b>
<b>15:</b> enfeitação das espadas	
<b>16:</b> enfeitação das espadas	

## **Apresentação**

Este trabalho é o memorial descritivo da documentação fotográfica **A outra face da guerra**, que mostra os processos de produção artesanal de espadas no município de Cruz das Almas, na Bahia. Essa documentação mostra a produção descrita, por seus realizadores, como um reforço da tradição cultural da cidade e busca fazer um recorte diferente dos que têm sido feitos dessa tradição. Essa abordagem trata a produção como geradora de renda e como um local de reafirmação cultural da cidade - o que vai de encontro ao recorte hostil das mídias, que, frequentemente, apresentam as espadas como instrumento de violência e de assassinato cultural. Este memorial vai descrever as três etapas que originaram um livro fotojornalístico, a saber:

- 1) Dados históricos do município de Cruz das Almas, onde será possível que o leitor se situe nas condições sociais e históricas que sugerem o aparecimento e a permanência da tradição do fabrico das espadas na cidade, somados ao detalhamento do processo de produção das mesmas.
- 2) O registro através da fotografia. Serão explanados os motivos quanto à escolha da documentação do processo de produção, além de um breve histórico da fotografia fojornalística – documental.
- 3) O processo de produção das fotos, as dificuldades e todo um passeio através das escolhas dos ângulos, dos destaques de cada processo de produção das espadas, os equipamentos utilizados e todo processo de composição do livro.

## Introdução

A união entre relevância sociocultural do tema e a sua perpetuação, através de imagens, fizeram-me concluir que o fotodocumentário seria a melhor maneira de captura do *modus operandi* desta manifestação cultural, de modo que fugisse do tradicionalismo factual das páginas dos jornais e das telas de tevê sem, contudo, fugir do objetivo de vincular o jornalismo à cultura popular.

Pensado com a intenção de ser um registro fiel e com um mínimo de interferência no desenvolvimento da ação, visto que a minha presença no local já é, em si, uma interferência. Esta documentação pretende suscitar, através do registro fotográfico – fotodocumental, uma reflexão sobre a importância da cultura do Recôncavo da Bahia.

Este trabalho compõe um registro histórico-cultural da tradição do município, através da confecção de um livro fotodocumental para difundir e detalhar os processos de produção de espada de Cruz das Almas e mostrá-los como uma manifestação cultural enfatizando aspectos que não são comumente retratados nessa tradição – o que possibilita valorizar a população enquanto produtora de cultura.

Quando ficou definida a minha escolha pelo registro da produção das espadas em Cruz das Almas, comecei a pesquisa sobre o tema. A falta de informações concretas mostrou-se um fator deveras problemático. A dificuldade estava exatamente na inexistência de trabalhos escritos que revelassem detalhes sobre a tradição da cidade, que retratassem os primeiros registros da manifestação local. Primeiramente, tentei buscar as fontes oficiais, mas como não obtive retorno, imediato, resolvi ir diretamente aos produtores, os espadeiros. Para facilitar a minha pesquisa, eu segui o espadeiro Edmilson Cerqueira (conhecido como Missinho), que produz espadas há 15 anos. Acompanhei-o, nos fins de semana durante dois meses na produção das espadadas, que vai desde a preparação do bambu para receber as misturas de pólvoras e barros até a queima do artifício junino. As ações iniciais de colheita e de cozimento do bambu bem como a extração do barro não foram possíveis registrar devido ao difícil e perigoso acesso ao local de extração, até mesmo para os trabalhadores locais.



Para documentar estes processos, viajei todos os fins de semana dos meses de maio e junho. Os primeiros encontros eram para estabelecer contatos com o espadeiro, Edmilson Cerqueira, que se mostrou atencioso e receptivo. Feito o primeiro contato, fui para a captura das imagens, pois restava-me pouco tempo e os processos não se repetiam.

## Justificativa

A pedra fundamental definidora do meu tema foi baseada em dois fatores - o primeiro diz respeito ao objetivo de sempre fazer algo com relevância sociocultural, permeada pelo ideal romântico de mudar o mundo, que me trouxe à faculdade, segundo pela satisfação pessoal de ter um trabalho que seja importante para minha iniciação profissional.

A certeza por este tema – a produção das espadas em Cruz das Almas – consolidou-se com o interesse em tornar protagonista a cultura popular de minha cidade natal, Cruz das Almas. Em meio a pesquisas sobre as manifestações culturais da cidade, resolvi retratar, por um viés diferente dos já abordados anteriormente, uma tradição maltratada pelos meios de comunicação – com matérias que só mostram seus saldos negativos - e por alguns moradores da cidade: as espadas.

A partir desses dois critérios, defini o tema central, a cultura, especificamente, a cultura da produção de espadas no município baiano de Cruz das Almas, pois considero-o como uma das formas autênticas de representação da comunidade cruzalmense. Além disso, a não existência de uma publicação que utilize o tema em registro fotográfico, estimulou-me por um trabalho pioneiro.

A captura do tema através das imagens vem da minha fascinação pela fotografia. Esse fascínio acompanha-me desde 2003, quando fiz um curso por correspondência e, na faculdade, até o segundo semestre quando não havia tido nenhuma outra disciplina que me tivesse causado excitação como a Oficina de Audiovisual, especialmente, o módulo de fotografia. Gostei tanto dessa prática que dei continuidade no 6º semestre, na Faculdade de Belas Artes da UFBA, com a disciplina Fotografia IA. Partindo daí, achei mais interessante produzir um livro de fotografia baseado na estrutura fotodocumental - o que contribui bastante para solidificar a cultura, além de promover o acesso aos bens culturais inacessíveis, desconhecidos ou que estejam fadados ao esquecimento ou ao desaparecimento.

Apresentadas como violentas e tida como uma tradição assassina pelas grandes mídias, as espadas, todos os anos, são alvos de matérias que só contam suas vítimas e seus estragos estruturais. O que quero destacar neste trabalho também é que a produção das espadas pode

ser um gerador de renda para muitas famílias do município na época junina. Esse modo de cultura é defendido por Stuart Hall, pois considera-o como uma reprodução da “cultura popular”, a cultura produzida pelo povo e é: “(...) num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esse processo, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas” (HALL, 2006, p. 232).

Havia, em verdade, registros em TV e vídeos, sempre dando ênfase à Guerra das Espadas. Foi então que pensei em documentar todo o processo de produção, enfatizando os meios de produção e não o fim (produto final). A partir daí, ao juntar meu fascínio pela fotografia com o prazer de produzir algo que respaldasse a cultura da minha cidade escolhi compor um livro fotográfico que guardasse, de maneira documental, esta cultura de modo que, de certa forma, fosse um registro palpável dessa manifestação que hoje está ameaçada de extinção.

## **Espadas: patrimônio popular**

### **A cidade**

Com população de 60 mil habitantes, Cruz das Almas é a terceira maior população do Recôncavo, e sua história é atrelada à cultura fumageira. A origem de seu nome tem duas versões: a primeira refere-se à existência de um cruzeiro na antiga estrada de tropas, assim denominada, pois servia de passagem aos tropeiros, a seus gados e aos mantimentos para a região. A cidade era ponto de encontro para que as pessoas rezassem novenas, invocassem os santos e orassem pelas almas, expressão esta muito comum na Bahia e fortemente influenciada pela religião católica. A outra é mais de caráter sentimental e de saudosismo pátrio. Alguns fundadores da vila, portugueses, teriam batizado a nova povoação com o nome de sua terra de origem, a Cruz das Almas lusitana, uma homenagem aos portugueses que ali se instalaram.

Enigmática até no significado de seu nome, Cruz das Almas vem aparecendo ao longo dos últimos anos por causa de seu grande potencial cultural e pelo destaque dado à chamada cultura popular. Com uma área territorial de 144km<sup>2</sup>, a cidade localiza-se no Recôncavo Sul da Bahia e dista 146 km de Salvador. Uma das suas potencialidades são os minifúndios com destaques para a plantação de fumo, laranja e mandioca, empregando, com isso, 22% da população, sendo que deste total, 85% são mulheres.

### **A festa Junina**

Com os festejos do São João, a cidade recebe, segundo dados da prefeitura, aproximadamente, 500 pessoas, nos cinco dias da festa, a economia do município gera algo em torno de 1500 empregos e, conforme números da Secretaria da Fazenda, R\$ 10 a R\$ 12 milhões circulam no comércio local. Pode-se dizer que, atualmente, a festa articula-se em torno de três rotas básicas de divertimento: O “Arraiá da Cultura Popular”, o “Forró do Bosque” e a “Guerra de Espadas”.

## As espadas

Artefato bastante antigo, com pelo menos seis ou sete séculos de existência, as espadas são fogos de artifícios originados dos antigos busca-pés<sup>1</sup>. As espadas são confeccionadas e tocadas na época dos festejos juninos da cidade de Cruz das Almas e vêm passando por várias transformações em suas funções ao longo do tempo.

Os pesquisadores ainda não chegaram a uma conclusão quanto à origem das espadas, se de Portugal ou da Itália; contudo, com relação a seu nome, segundo uma lenda contada pelos moradores, vem de um antigo acontecimento: guerreiros eram destinados a proteger dos maus espíritos, a cidade, e de ladrões e mercenários, as plantações. Para terem força, pediam proteção a São João. O santo equipava-os com espadas e tornava-os guerreiros de São João. Por isso, atualmente, as espadas antigas são associadas às espadas de bambus e à crença de que espantam os maus espíritos da cidade.



Figura 1: show pirotécnico nas ruas da cidade (São João de 2009)

Foto: Nádía Conceição

Tipo especial de foguetes, as espadas são feitas de bambus com aproximadamente 30 cm de comprimentos e peso de cerca de 600 gramas. Normalmente, começam a ser fabricadas no período posterior à Semana Santa para ser queimadas em junho.

Durante a queima, um misto de temor, admiração e fascínio envolve moradores e turistas que assistem à tradicional Guerra de Espadas. O evento acontece precisamente no dia 24 de junho

---

<sup>1</sup> - Busca-pés era o nome dado aos fogos de artifícios feitos com bambus pequenos, menores que as espadas. Eles eram explosivos e causavam muitos acidentes e mortes.

desde a década de 30. No século XVIII, chamados de “bichas de rabear”, para conter os excessos de seu uso, sem regras ou lei, os busca-pés foram limitados e, muitas vezes, proibidos de ser fabricados, sendo os espadeiros perseguidos por patrulhas policiais.

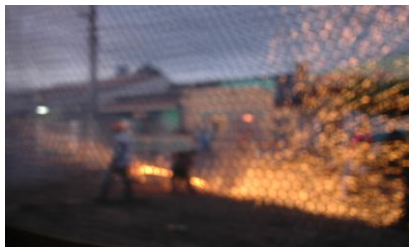


Figura 2: show pirotécnico nas ruas da cidade (São João de 2009)

Foto: Nádia Conceição

Segundo o pesquisador e sociólogo Moacir Carvalho, a prática de tocar espadas não era só realizada em Cruz das Almas. No século XVIII, outras cidades como Sapeaçu, Muritiba, Cachoeira, Governador Mangabeira, São Felix e Senhor do Bonfim já praticavam a brincadeira; contudo, somente em Cruz das Almas, as espadas ganharam o caráter de tradição, permanecendo vivas até hoje. Conforme Moacir Carvalho, “é hoje, provavelmente, a cidade baiana que a brincadeira mais se disseminou e é conformada numa mimética da guerra, sendo que se identifica e é identificada por ela”.



Figura 3: espada pronta para ser tocada

Foto: Nádia Conceição

A produção de espadas, apesar de decadente nos últimos anos por causa do aumento dos preços da matéria-prima, envolve grande parcela dos moradores da cidade que, na maioria, são homens a partir de 15 anos. Estima-se que duzentas mil espadas são produzidas em Cruz por ano, com a existência de mais de 100 oficinas, autorizadas ou não.

## A guerra

A brincadeira com as espadas - muito criticada – tem toda uma magia envolvida em sua queima. Durante os festejos juninos, em Cruz das Almas, o exercício de queimar as espadas é feito em acordo com os dirigentes da cidade, ou seja, são estipulados locais nos quais as espadas poderão ser queimadas sem arriscar ou amedrontar quem não aprecia a brincadeira.

O grande show pirotécnico ocorre na Praça Municipal da cidade no dia 24 de julho, das 15h às 23hs. Os guerreiros vestem-se a caráter - calça e jaqueta jeans, tênis, luvas – e alguns usam máscaras ou capacetes para proteger a cabeça de pancadas violentas, com o intuito de “pular”<sup>2</sup> espadas. Porém existem os mais inflamados que brincam sem proteção e, por vez, acabam machucando-se.



Figura 4: espadeiros preparados para a guerra de espadas

Foto: Nádia Conceição

A cidade é separada entre quem é a favor dessa tradição e quem é contra. A inexistência de conciliação tem provocado instabilidade nos organizadores do São João. Eles se veem acuados com relação à problemática de acabar ou não com as espadas na cidade. Existem várias sugestões envolvendo o tema, inclusive a possibilidade de se criar um dia e um único espaço para realizar a Guerra de Espadas. De acordo com os espadeiros<sup>3</sup>, segundo o grupo que tive contato na visita de campo, eles já enviaram à prefeitura um projeto de criação de uma cooperativa de produção de espadas. A iniciativa teve o apoio de outras cidades da região, que também produzem o folgado, mas esse pedido foi negado. A materialização desse projeto iria possibilitar uma produção padronizada e com maior responsabilidade dos fabricantes, pois

---

<sup>2</sup>- O termo pular é usado como referência ao ato de brincar semelhante a uma dança em que o participante é envolvido, com o brinquedo, nesse caso as espadas.

<sup>3</sup>- São as pessoas que fazem a brincadeira acontecer, são os guerreiros que, segundo a lenda, protegem a cidade. Eles participam da fabricação até a brincadeira em si, sendo que alguns participam apenas da brincadeira.

seriam eles mesmo que dirigiriam os espaços, evitando, com isso, a produção irresponsável das espadas, conforme os espadeiros autores do projeto. Segundo a prefeitura, nenhum projeto chegou ao conhecimento do prefeito Orlando Peixoto.

### **A produção de espadas**

O processo de produção das espadas é dividido em nove etapas, de fundamental importância na sua concepção, a saber: **a escolha do bambu; a escolha do barro; enceração do barbante; enrolar a espada; preparação da pólvora; a fabricação; a preparação da espada para ser brocada; a brocação; acabamento.** (Veja esse processo mais detalhadamente no APÊNDICE A)



## A cultura e o popular

O “debate cultural” teve maior importância com os Estudos Culturais a partir da década de 60. Os culturalistas estavam preocupados com a ruptura das tradições culturais, na qual a cultura era vista como algo separado da sociedade, intocável e altamente excludente. A partir desses argumentos, a sociedade (sociedade operária) também seria considerada produtora de cultura. Williams sustenta que “a cultura é um processo que se modifica e se produz nas relações com a sociedade” (WILLIAMS, 1969, apud HALL, 2006), ou seja, a cultura é tida como modo integral de vida.

Tendo como base este debate iniciado pelos culturalistas, pode-se inferir que a cultura deixa de ser estritamente burguesa e passa a ser popular, pois tem como principal ator a comunidade, e que, muitas vezes, é associada à tradição, pois esta era um local de resistência às mudanças que, por ventura, viessem a ocorrer. Essas resistências tinham como objetivo manter uma originalidade em suas práticas culturais e econômicas, o que, de acordo com Canclini funciona como uma assimilação dos hábitos por uma determinada sociedade e de acordo com ele, no livro *As culturas populares no capitalismo*:

As culturas populares (termo que achamos mais adequado que cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (CANCLINI, 1982, p.42)

Segundo os Estudos Culturais, mesmo que uma cultura esteja inserida no âmbito da classe popular, ainda assim não podemos esquecer as relações de poder que a circulam e a moldam conforme os interesses dos envolvidos. Por isso, é preciso atentar para o que sustenta Stuart Hall: “(...) não existe uma “cultura popular” autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais” (HALL, 2006, p. 238). Ou seja, em toda cultura, independente da classe social, haverá hierarquias.

Influenciadas pelo mundo moderno, as identidades culturais têm sido modificadas e deslocadas dentro do cenário mundial. Isto é provocado pelo advento da globalização, pois tem permitido uma hibridização nos modos de se produzir cultura em cada nação. Isso é reforçado por Hall, quando ele afirma que:

(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. (HALL, 2005, p.48)

Podemos identificar que as identidades culturais aproximam-se cada vez mais da cultura popular, pois têm incorporado elementos de outras culturas sem, contudo, perder suas particularidades. Essa aproximação é comprovada nas relações sociais estabelecidas com as trocas culturais existentes nas sociedades pós-modernas, denominadas de culturas híbridas, e fundamentaliza alguns ideais culturais defendidos pelos culturalistas. De acordo com Hall, nas identidades pós-modernas, “As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidades distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (...)” (HALL, 2005, p. 89). Por isso, tanto as identidades quanto as culturas podem ser representadas de maneira a se constituírem realidade dentro de uma dada sociedade, portanto:

Representación significa usar el lenguaje para decir algo con sentido sobre, o para representar de manera significativa el mundo a otras personas. (...). Representación es una parte esencial del proceso mediante el cual se produce el sentido y se intercambia entre los miembros de una cultura. Pero implica el uso del lenguaje, de los signos y las imágenes que están por, o representan cosas. (HALL, 2002, p. 02)

Pressupondo que as culturas são as representações de cada sociedade, a forma de demonstração de seu modo de ser e de viver dentro de uma determinada nação é sua simbologia. Pensando no modo de representar a cultura acredita-se que, através da imagem, pode-se representar muito bem a cultura desde que retratada como realmente é. Partindo do conceito de representação de Hall, o fabrico de Espadas na cidade de Cruz das Almas tem contribuído para moldar as formas e os modos de viver do povo cruzalense (mesmo que de um período curto, mas muito significativo), constituindo, com isso, uma documentação da realidade do local e dos moradores cidade. Por isso, esse registro será através de fotografias documentais.

É importante, ainda, lembrar que de acordo com Canclini o uso de qualquer fenômeno é o que deve estabelecer o seu caráter popular e deve ser baseado no fator social em si. Segundo Cirese “É a relação histórica, de diferença ou de contraste, diante de outros fatos culturais” (CIRESE, APUD CANCLINI, 1982, p.48).

## A imagem capturada

A fotografia, inicialmente, tinha a função de registrar os fatos, ações cotidianas sem levar em consideração seu caráter jornalístico. Ao percebê-la como uma maneira de noticiar ou denunciar fatos, passou-se a explorar, mais ainda, seu potencial; daí em diante, a fotografia passou a ser contemplada pelo seu caráter utilitário para o jornalismo – o que se convencionou a chamar de Fotojornalismo que, segundo SOUSA (2002), abrange não só as fotografias de notícias, mas também os projetos documentais. É, precisamente, esse caráter documental que nos interessa neste trabalho, fortalecendo, com isso, o aspecto jornalístico da imagem que, de acordo com Munhoz:

A fotografia começa a ser vista, cada vez mais, como uma força atuante capaz de persuadir devido ao seu “realismo” e mostra que tem autonomia própria, revelando-se eficaz como uma nova linguagem informativa, disputando com o texto um lugar de destaque na transmissão de notícias. (MUNHOZ, 2005, p. 31)

A ideia principal desse projeto é retratar a preparação das espadas, reforçando assim a cultura própria do município. Para tanto, o fotojornalismo faz-se importante no registro dessa cultura como uma representação da vida e do cotidiano da cidade. Isto é possível porque:

Para o fotojornalismo a conquista do movimento revelou-se de importância vital, uma vez que permitiu “congelar” a ação, impressioná-la numa imagem quase em tempo real, capturar o imprevisto, chegar ao instantâneo e, com ele, acenar com a ideia de verdade: o que é assim capturado seria verdadeiro; a imagem não mentiria (note-se, todavia, que apesar de o instantâneo permitir representações fotográficas mais “sinceras” e espontâneas, as fotografias não deixam de ser representações). (SOUSA, 1998, p. 14)

Atualmente, o fotojornalismo é utilizado como fonte de informação, que preza pelo factual, imediato e que não pode ser manipulado, ou seja, a continuidade do que os primeiros fotógrafos faziam diante de um acontecimento: revelar os acontecimentos através das imagens – o que, de acordo com Sousa: “(...) tem em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal. Também seria uma questão de tornar a espécie humana mais visível a ela própria (26)” (SOUSA, 1998, p. 11).

No fotojornalismo, a imagem é uma representação da cultura local – o que, realmente, acontece como sendo a prática cultural do local estudado. Seu estopim deu-se com coberturas

de guerras, como a Guerra da Criméia em 1855 e a Guerra de Secessão nos EUA em 1861-1865. Atualmente, segundo Munhoz, existem alguns princípios que norteiam a cobertura dos jornais quando se referem às rotinas de produção do fotojornalismo, como, por exemplo: o leitor que aparece como observador visual (a fotografia surge como um elemento persuasivo na notícia); o poder de dramaticidade que a fotografia possui (a persistência em estar sempre ao lado dos fatos).

A fotografia documental ou fotodocumentarismo tem, da mesma forma que o fotojornalismo, como suporte a imprensa e como intenção “documentar a realidade, informar, usando fotografias”. Sabe-se que o texto é uma parte fundamental no fotojornalismo, pois ajuda a dar um significado constitutivo ao que é mostrado na imagem. Entende-se, dessa forma, esse significado como uma forma complementar da informação chamando à atenção do leitor.

No final do século XIX, tivemos o marco do fotodocumentarismo com a obra de John Thompson, *Street Life in London*, publicada em 1862. Inicialmente, ela tinha um caráter de denúncia social, de mostrar os problemas relacionados às mazelas da sociedade que, até então eram desconhecidas ou deixadas em segundo plano. Buscava levar a sociedade a uma reflexão que, futuramente, poderia implicar numa solução dessas mazelas.

Atualmente, o fotodocumentarismo tem despontado no mundo da fotografia, pois tem permitido aos fotógrafos de notícias a possibilidade de documentar fatos que vão além do factual, da notícia quente, da hora – isso por que:

Geralmente, um fotojornalista fotografa assuntos de importância momentânea, assuntos da atualidade “quente”. Já os temas fotodocumentalísticos são tendencialmente intemporais, abordando todos os assuntos que estejam relacionados com a vida à superfície da Terra e tenham significado para o Homem. Esta noção ampliou o leque de temas fotografáveis no campo do fotodocumentalismo, já que, nos tempos em que a atividade dava os primeiros passos, a ambição fotodocumental se direcionava unicamente para os temas estritamente humanos. (SOUSA, 2002, p. 09)

A base real do fotodocumentarismo é representar a realidade imagetivamente, mas tentar manter-se distante do objeto de pesquisa para não interferir na realidade documentada. Esses fatos não alterados geralmente servem como um referencial histórico da época documentada, um momento histórico que pode servir de parâmetro a outras épocas. Baseado no conceito de

documentação, este trabalho contribuirá para registrar a cultura, tendo como seu referencial a produção das espadas na cidade de Cruz das Almas. É evidente que a fotografia documental permite ao fotógrafo maior tempo de produção, proporciona a ele entregar um trabalho mais elaborado com uma pesquisa profunda do assunto fotografado (para a composição dos textos) – possibilitando a obtenção de um trabalho de melhor qualidade. Isso atribui ao fotodocumentário, segundo Paulo Cesar Boni, a inerente característica de:

Oferecer um produto mais elaborado. Formado por um conjunto de fotografias, acompanhado ou não de textos explicativos, o fotodocumentarismo demanda esforços de planejamento e produção, que podem delongar anos para a sua conclusão. (BONI, 2008, p. 01)

Seguindo a linha dos primeiros fotodocumentaristas, documentaremos este tema como um indício que force uma reflexão para a criação e o desenvolvimento das práticas culturais nas pequenas cidades. Teremos a possibilidade de perpetuar visualmente as práticas culturais realizadas por Cruz das Almas, que permitirão que sua cultura não corra o risco de desaparecer ante ao desconhecimento dessas práticas ou ao seu não registro para as gerações futuras.

Podemos considerar, na atualidade, Sebastião Salgado como um dos referenciais na prática do fotodocumentarismo moderno, pois traz em seus trabalhos um legado importante para a continuação desse modo de se documentar fatos, notícias e histórias através das imagens, ou seja, ele retoma a fotografia como meio de objetivar a interferência social. De acordo com SOUSA (1998), a intenção maior de Salgado e de outros fotodocumentaristas é fazer com que quem não presenciou a cena saiba o que é e veja como realmente aconteceu por intermédio das imagens e passe a ser testemunha do fato acontecido – não uma testemunha real, mas, sem dúvida, visual do acontecimento. Sousa afirma que, no fotodocumentarismo:

Por vezes, exploram um determinado frame, isto é, um enquadramento contextualizador no processo de produção de sentidos, como é notório nos fotógrafos do "compromisso social", que tinham uma intenção denunciante e reformadora, que as fotos deviam consubstanciar, atingindo mesmo os que não queriam ou não sabiam ver. (SOUSA, 1998, p. 29)

Compreender como se registra traços de uma cultura, de um momento histórico ou até mesmo de um evento que se considere importante *a posteriori* é um traço marcante da fotografia documental ou “fotografia humanística”, como muitos a denominam. Esse gênero fotográfico que é possível colocar em prática o desejo de ter conhecimento de como o outro pensa, vive e

o que prioriza em seu dia a dia (SOUSA, 1998, p. 09). Esses desejos passarão a ser as demandas da sociedade do século XX no qual o ver e o testemunhar serão fundamentais e as fotografias estarão muito além de serem meras ilustrações para os textos; muitas vezes, elas são os textos propriamente – elas falam, noticiam por si só.

Sendo assim, temos a fotografia como um instrumento forte, capaz de criar e induzir novos pensamentos e comportamentos, além de trazer uma carga de informações do fotógrafo como seus valores sociais, culturais e sua intenção de conduzir a opinião alheia. Por conta desta influência, SOUZA (2006) adverte quanto à necessidade de se observarem todos os aspectos ofertados em uma fotografia:

É preciso, portanto, olhar para a imagem fotográfica com olhos mais críticos e investigativos, analisar a mensagem fotográfica além da comunicação visual pura e simples, procurando absorver dela toda uma leitura de contexto e intenções... (SOUZA, 2006, p.04)

Partindo desses pressupostos, escolhemos utilizar o Fotodocumentarismo, pois desejamos informar para fazer a sociedade a discutir e, a partir daí, poder responder a questionamentos acerca dessa prática cultural, a produção das espadas, levando em conta, principalmente, as condições socioeconômicas e físicas da cidade bem como a sua relação com a comunidade.

## **Relato do processo de registro**

Os primeiros dias de ações fotográficas foram os dias 09 e 10 de maio. Foram os registros em que pude fotografar os atos de enrolamento das espadas e ouvir as histórias de espadeiro do senhor Edmilson Cerqueira. Eu o acompanhei e a seu ajudante, Juvenildo Santana durante dois turnos. A produção realizada por eles acontece paralelamente em dois locais distintos.

O espaço de produção das espadas fica no fundo da casa, é pequeno e tem pouca iluminação. No local, eram armazenados as pólvoras e todos os materiais que seriam utilizados para a fabricação do artefato. É também realizado lá o processo de unificação dos ingredientes das espadas – a esse processo os espadeiros denominam de “bater espadas”, que é feito em uma travessa, também estreita e com pouca iluminação. De acordo com Edmilson, ele sempre realizou este processo naquele local e nunca teve problemas; contudo, neste ano, ele está utilizando também uma casa, mais ampla e iluminada, que é de seu irmão também espadeiro.

Todas essas limitações descritas acima fizeram com que o trabalho de fotografa fosse restringido quanto ao uso dos equipamentos. Nas vezes em que fotografei em lugares apertados e escuros, precisei usar, com mais frequência, a lente grande angular 24 mm, pois proporcionava grande profundidade de campo permitindo registrar também, e com mais propriedade, o ambiente de trabalho dos espadeiros. O uso da lente 24 mm permitiu também a abertura do obturador garantindo mais entrada de luz. Esta limitação também foi decisiva para explorar bastante o flash, para que a fotografia não tivesse sombras e mantivesse as cores do assunto fotografado.

Contudo fazendo uso do flash, também pude utilizar as lentes teleobjetivas: 60 mm, 105 mm e 70-200 mm, porém, particularmente, prefiro a 60 mm, pois tenho mais facilidades de manuseio e mais possibilidades de registro do objeto. Com elas, tive a possibilidade de capturar mais detalhes e pude fotografar os momentos que envolviam movimentos e maiores riquezas dos detalhes e que exigiram visibilidade para o assunto. Por exemplo, na captura do momento de “enfeitado” das espadas, precisei de muita aproximação para registrar a ação, mas sem atrapalhar seu andamento, por isso utilizei a lente 105 mm.

Na outra casa, que também acontecia a produção das espadas, o ambiente era mais claro e permitia o uso mais livre das lentes. Ela era maior e comportava um número maior de funcionários, 5, desempenhando atividades distintas entre si e que não seria possível fazer na outra casa devido ao espaço reduzido do lugar. Essa “liberdade” proporcionou-me fotografar alguns processos em conjunto, utilizando, com isso, a lente 24 mm, mas com o objetivo de visualizar como eles ocorrem.



## **Elaboração do livro fotográfico**

A execução desse trabalho envolveu diversos profissionais e atores diferentes em nove meses de pesquisas e foi desenvolvida em três etapas.

### **1ª ETAPA – Estudo e levantamento do tema**

Essa foi a mais complicada, pois tive dificuldades em conseguir dados para consolidar a pesquisa e escrever os textos. Essa dificuldade deu-se por haver poucos registros históricos acerca do tema e por ser de fontes orais a maioria das informações. Contudo considero que, mesmo com esse impasse, o levantamento foi positivo para a realização do trabalho.

Essa etapa aconteceu na cidade de Cruz das Almas com a realização de entrevistas com espadeiros, população e órgãos responsáveis pela organização da festa junina no município.

### **2ª ETAPA – Registro fotográfico**

Foram sete viagens em sete fins de semanas – ao todo 20 dias de registros fotográficos nos meses de maio e junho de 2009 e mais a semana da festa. Eles foram realizados na cidade de Cruz das Almas e durante o dia, exceto no dia da batalha de espadas, que oscilou entre dia e noite. A maioria das imagens teve como principal ator a fábrica de produção de espadas do senhor Edmilson Cerqueira localizada no centro da cidade. Foram visitadas outras oficinas da cidade e, em algumas delas, também houve o registro de imagens e pesquisas.

Não houve problemas com o que registrar, pois as etapas são produzidas de maneiras pontuais e paralelas. A maior preocupação foi não pular nenhum processo, pois poderia influenciar no produto final e na valorização das etapas de produção.

Outra preocupação, ao registrar as imagens, foi em fotografar ângulos diferentes dos que já tivessem sido feitos, mas isso foi favorecido pelo recorte dado à abordagem do tema, invertendo o assunto principal e dando a eles uma importância diferenciada a que geralmente é dada e conhecida pelas pessoas.

Para efetivar o registro, o equipamento fotográfico utilizado foi uma câmera Nikon D70, com cartão de memória de 1GB, lentes Nikkor 24 mm, 60 mm, 105 mm e 70 – 200 mm, flash SB80 e Tripé.

### **3ª ETAPA – Concepção e elaboração do livro fotográfico**

Nessa etapa, obtive a colaboração do estudante do curso de Produção Cultural-UFBA e estagiário em fotografia na Ascom da Secretaria de Comunicação da prefeitura municipal de Salvador (Secom), Wendell Wagner, na edição das imagens. Pré-selecionamos 169 de um total de 1.517 fotos. Dessas escolhemos 83 para o livro fotográfico, porém compõem o livro 70 imagens.

Critérios de seleção – Como o objetivo desse trabalho é contar como se desenvolve o processo de fabricação das espadas, o critério principal utilizado na seleção das imagens foi apresentar uma narrativa coesa desse processo mostrando-a compreensivamente para os leitores. O outro critério foi o de qualidade das imagens. Escolhemos as imagens que narrassem o processo e com um teor qualitativo elevado.

Na revisão dos textos contei com a colaboração do professor Thiago Prado. Tive também o apoio fundamental de Cândido Vinicius no tratamento das imagens e na diagramação do livro. O processo de tratamento das imagens foi feito com muita cautela, pois o intuito era, apenas, dar unidade às cores das imagens, sem muitos ajustes.

Por se tratar de uma narrativa corrida decidimos dividir o livro em capítulos, abordando os temas. A ordem das fotos foi definida pela ordem cronológica de acontecimento da narrativa: a produção de espadas. A quantidade das fotos não foi limitada, pois se levou em consideração a importância de fabricação, em todos os seus aspectos, e nos diferentes ângulos a serem abordados para detalhamento do tema.

Os capítulos divididos foram:

**a) A cidade**

Um breve histórico de Cruz das Almas tem o intuito de situar o leitor onde e em que condições socioculturais a manifestação cultural acontece.

**b) Patrimônio popular**

É o relato das condições que proporcionaram o desenvolvimento da tradição e as condições que a consolidam até os dias atuais, com o detalhamento dessa tradição.

**c) O processo**

É o processo de fabricação, na maioria artesanal, do elemento fundamental para que a tradição ainda exista na cidade. Este processo é desmembrado em outros itens, tais como:

- A escolha do bambu
- Encerando o barbante
- Enrolando as espadas
- A escolha do barro
- A preparação da pólvora
- A fabricação
- A brocação
- Fazendo a marcação
- O acabamento

**d) A Guerra**

Onde se percebe a interação das pessoas com as espadas e o show pirotécnico visto como uma forma de consolidação da tradição e da cultura cruzalmense.

O título do livro - **A outra face da guerra** – foi definido desde o início do levantamento dos dados, pois tinha como objetivo mostrar o outro lado da tradição e não o que comumente é enfatizado. A outra face é justamente o processo de materialização das espadas e tem a mão

dos “artesãos” como o principal instrumento de criação. Por isso a escolha da foto abaixo para a capa do livro a qual simboliza o processo de concepção das espadas, além de mostrar toda a dinâmica proporcionada pelo cenário de fabricação deste artifício.



Figura 5: capa do livro

Fotos: Nádía Conceição

Enquanto que a guerra é o recorte mais conhecido dessa tradição, que é o show pirotécnico que invade a praça da cidade de Cruz das Almas na noite de São João.

O processo de criação e confecção do livro concretizou-se em nove dias, no período de quatro a 12 de outubro. Foi utilizado o software BookSmart oferecido do site Blurb.com para efetivar a diagramação do livro, além do programa de edição de imagens Adobe Photoshop com o objetivo que melhorar algumas imagens. A impressão também foi realizada pelo próprio site.

## Cronograma de execução

Atividade	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro
Elaboração do memorial	X	X	X		
Pré-seleção das fotos		X			
Seleção final das fotos e tratamento		X	X		
Composição dos textos		X	X		
Diagramação do livro			X		
Revisão do livro			X		
Envio do Layout do livro para impressão			X		
Entrega do livro ao colegiado				X	
Defesa					X

## Orçamentos

<b>Orçamento do projeto A outra face da guerra</b>						
<b>Item</b>	<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Unidade de Despesa</b>	<b>Número</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Total</b>
<b>Mapeamento e Reconhecimento do Objeto/ visitas</b>						
1	Transporte – Cruz das Almas	15	Trajetos	2	18,00	540,00
2	Alimentação	1	Diárias	6	6,00	36,00
					<b>Subtotal 1</b>	<b>576,00</b>

<b>Livro Fotográfico</b>						
3	Designer Gráfico e Tratamento de imagens	1	Serviço	1	400,00	400,00
4	Impressão do livro (site blurb) Formato 25x20 cm, 50 páginas, papel Premium	1	Unidade	5	78,54	392,70
5	Frete	1	Serviço	1	144,48	142,48
					<b>Subtotal: 2</b>	<b>935,18</b>

<b>Valor total do projeto</b>	<b>R\$1.511,18</b>
-------------------------------	--------------------

## Conclusão

Há anos a tradição da Guerra de Espadas é realizada, na cidade de Cruz das Almas, contudo a maneira como as espadas são produzidas ainda é pouco conhecida pelas pessoas. **A outra face da guerra** trilhou o caminho inverso ao que muitos meios de comunicação têm realizado (espetacularizar e polemizar a guerra) e buscou desvendar o processo de produção dessa tradicional prática cultural contribuindo também para o seu reavivamento, através do seu registro fotodocumental.

É importante também frisar a seriedade da apresentação deste tema e do recorte a ele dado, pois é um trabalho pioneiro, dentro do campo fotográfico, pois contemplou os processos, de produção das espadas em sua forma artesanal, contrariando toda evolução tecnológica do ato de produzir, consolidando-o como de fato cultura popular. É relevante também para Cruz das Almas e para os produtores de espadas, pois tem a intenção de servir como um material de consulta, o que contribuirá para o não esquecimento dessa cultura, que faz parte da história da cidade.

Foram encontradas muitas dificuldades no decorrer do trabalho, mas todas elas contribuíram para que eu pudesse desenvolver a capacidade de encontrar soluções nos momentos difíceis, escolher e tomar decisões rápidas. A elaboração do livro contribuiu também para o exercício da paciência jornalística, diante da elaboração de uma reportagem investigativa, que requeresse levantamento de dados. A experiência desenvolveu também meu perfil de produtora - o que foi bastante exigido neste trabalho.

O objetivo foi alcançado. O produto pode ser considerado pelo seu caráter documental pioneiro, o que contribuiu para o formato final idealizado. E pode ser aperfeiçoado, no caso de uma retomada do tema.

Este trabalho pode ser visto ainda como um produto que compila as técnicas comunicacionais estudadas ao longo do curso de Comunicação – Jornalismo, sobretudo visual, e a inserção de técnicas de produção que se fizeram necessário aplicar a ele.

A pesquisa **A outra face da guerra** é importante para minha formação, pois permitiu o aprofundamento de técnicas do jornalismo investigativo cultural, que contribuiu, em última instância, para a visibilidade cultural do recôncavo baiano, sobretudo do município de Cruz das Almas.



## **Bibliografia**

BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G. & WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas culturais no nordeste contemporâneo** in SAMPAIO, Adriano; COELHO, Lilian Reichert e SILVA, Sivaldo Pereira da (Orgs). **Temas em comunicação e cultura contemporâneas IV**. Salvador, p. 186 – 201. Póscom, 2003.

BARTHES, Roland. **A retórica da imagem**. In Óbvio e obtuso. Rio: Nova fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. **A mensagem fotográfica**. In: LIMA, Luis Costa (org), **Teoria da cultura de massa** Rio: Paz e Terra, 1982.

BECKER, Howard S. **Backup of Visual Sociology, Documentary, and Photojournalism: It's (Almost) All a Matter of Context**. Publicada no site <http://home.earthlink.net/~hsbecker/>

BONI, Paulo César. **O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade**. Apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Universidade Estadual de Londrina, Londrina (PR).

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. Editora brasiliense s.a, São Paulo, 1982.

CARVALHO, Moacir. **Brincando com fogo: as transformações da guerra de espadas em Cruz das Almas**. Artigo apresentado no Intercon Nordeste 2008.

CESNIK, Fábio de Sá e BELTRAME, Priscila Akemi. **Globalização da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2005.

FELZ, Jorge Carlos. **Fotografia de imprensa – o papel dos editores das revistas alemãs da Republica de Weimar para a consolidação do fotojornalismo moderno.** Apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** 6ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do “popular”** [1973] in SOVIK, Liv (Org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 231 - 247, Belo Horizonte, Editora UFMG, Brasília, Representação da Unesco no Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **A identidade na pós-modernidade.** 10<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: editora DP&A 2005. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

\_\_\_\_\_. **El trabajo de la representación.** IEP - Instituto de Estudios Peruanos Taller Interactivo: Prácticas y Representaciones de la Nación, Estado y Ciudadanía en el Peru, 2002.

Ilo GONÇALES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** 3ed. Campinas/SP: Alínea, 2003.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem.** Rio de Janeiro: editora Espaço e tempo, 1988. Coleção Antes, aqui e além.

MUNHOZ, Paulo César Vialle. **Fotojornalismo, internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta.** Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia em 2005.

PICADO, Benjamim. **Olhar testemunhal e representação da ação na fotografia.** Publicada na Revista na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Universidade Fernando Pessoa. Porto, 1998.

\_\_\_\_. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2002.

SOUZA, Fernando Galha. **Histórias, imagens e narrativas.** Nº 2, ano 1, abril/2006-ISSN 1808-9895. Augusto Malta e o olhar oficial – **Fotografia, cotidiano e memória no Rio de Janeiro** - 1903/1936. Retirado do site <http://www.historiaimagem.com.br/edicao2abril2006/maltafotografia.pdf>

### **Bibliografia complementar**

**ASSOBRAPI - Associação Brasileira de Pirotecnia** – Entidade Representativa da Indústria e Comercio de Fogos de Artifício – <http://www.assobrapicom.br/legislacao.htm>

Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal - **Norma Técnica Nº 08/2002** – **Fogos de Artifício.** Retirada do site: [http://www.resil.com.br/site/datafiles/uploads/df\\_nt008\\_2002\\_fogos\\_de\\_artificio.pdf](http://www.resil.com.br/site/datafiles/uploads/df_nt008_2002_fogos_de_artificio.pdf)

## APÊNDICE A

### A produção das espadas

A produção de espadas, que pode, facilmente, ser descrita com um ritual, devido a sua forma artesanal de ser concebida, dá-se através de processos que podem ocorrer paralelamente, a saber:

**A escolha do bambu** – O bambu é peça fundamental para a confecção de uma boa espada. Ele deve ser tirado em dias de lua nova ou lua escura, pois, segundo os espadeiros, ele não apodrece. Para a obtenção de uma boa espada, o bambu extraído deve ser comprido e o corte deve ser feito nos gomos. Após a extração, o bambu é cozido e posto para secar, durante quatro dias. Só depois, ele estará pronto para ser enrolado e, mais a frente, receber a pólvora e o barro. No mercado, o custo do bambu varia de R\$ 2,00 a R\$ 2,50 a dúzia, isto ele ainda cru, cozido ele passa a custar entre R\$ 4,00 a R\$ 4,50.

**A escolha do barro** – O barro é como os outros produtos, importante para a composição da espada. É necessário cautela para sua escolha e para os perigos do momento de sua captura, pois os locais são suscetíveis a deslizamentos de terra. Após ser escolhido, ele deve ser peneirado e colocado para secar durante dois dias, só depois estará pronto para ser usado na produção das espadas. O barro peneirado é utilizado na primeira camada da espada e barro mais grosso, sem peneirar, na última. Na primeira, ele é utilizado como base para receber a pólvora; na segunda, para manter as camadas unidas, regulando a potência da espada.

**Encerando o barbante e enrolando as espadas** – o barbante é um cordão de cisal utilizado para enrolar as espadas. Antes de enrolar, o cordão passa pelo processo de enceração com cerol (uma cera caseira feita da mistura de parafina, breu e óleo de soja). Ele é passado no cordão para enrolar as espadas (2 kg de cordão enrola cerca de três dúzias de espadas). A função do cordão é reforçar o bambu para receber os componentes das espadas.



Figura 6: Alessandro, 22, encorando cordão

Foto: Nádia Conceição

O processo de enrolar as espadas, na maioria das vezes, é feito artesanalmente, tem baixo rendimento e o custo é de R\$1,00 a R\$ 2,00 por espadas. Outra forma é utilizando o método maquinal, que chega a enrolar cerca de 30 dúzias de espadas por dia, enquanto que a manual enrola oito dúzias por dia.



Figura 7: Juvenildo C. Santana, 25, no processo de enrolar o bambu

Foto: Nádia Conceição

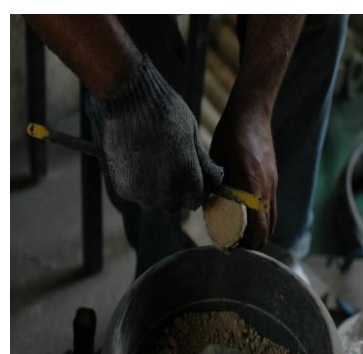
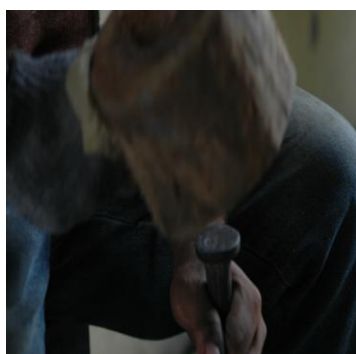
**A preparação da pólvora** – Feita também artesanalmente, a pólvora é originada da mistura do carvão, do enxofre e do nitrato de potássio (salitre). O carvão é obtido com a queima das madeiras umbaúba (mais pesada) e da quarana (a melhor por ser mais leve, porém rara). Para cada quilo de salitre, são utilizados 250 g de carvão e 250g de enxofre. Depois de misturados esses ingredientes devem ser pilados durante 1 hora, até a dissolução completa do enxofre, e peneirados. Dessa forma, está pronta a pólvora. Ela deve ser usada na proporção de 5 dedos ou 10 cm para cada espada. Estima-se que 50 toneladas de pólvoras são fabricadas em Cruz das Almas por ano. Ela é vendida por saco e, em geral, custa R\$ 50,00.

**A limalha** – Ela é utilizada para proporcionar mais brilho e claridade às espadas. Ela é feita a partir do derretimento do aço que, em seguida, é posto para secar transformando-se num composto em pó pronto para ser misturado à pólvora (cada 100g de limalha utiliza-se 1 kg de pólvora).



Figura 8: Rosival R. dos Santos, 18, pilando a pólvora  
Foto: Nádia Conceição

**A fabricação** - Também conhecido como "bater espadas", é o processo onde os componentes são misturados. Com um macete (martelo feito de madeira especialmente para bater espadas) e uma barra de ferro, os componentes são inseridos no bambu e "socados" até que as camadas estejam bem unidas. Essa etapa é a que mais se associa a um ritual e exige, dos espadeiros, paciência e muita força física.



Figuras: 9, 10 e 11: Fabricação de espadas  
Fotos: Nádia Conceição

### **Passo a passo da concepção das espadas**

- Após o bambu enrolado, coloca-se a primeira camada de barro peneirado, que em seguida é “socado”, em média, 30 vezes sem intervalo.
- O segundo passo é a adição da camada de pólvora e mais 15 “socadas”. Cada espada contém cinco dedos de pólvora.
- Por último, acrescenta-se a segunda camada de barro, não peneirado, que é “socado” por mais 30 vezes. Esta camada serve para unir as outras.

Agora a espada está pronta para ser marcada e “brocada”.

**Brocação**<sup>4</sup>– “Brocar” as espadas é uma das partes mais complexas, pois exige atenção e responsabilidade. Trata-se do furo por onde a espada será acesa, além de ser um dos marcadores de potência da espada. Para tanto, é necessário utilizar “brocas”<sup>5</sup> apropriadas da pirotecnia – em que o produtor pode usar os equipamentos, que variam a depender do diâmetro das mesmas.



Figura 12: brocação das espadas

Foto: Nádia Conceição



Figura 13: espada já brocada

Foto: Nádia Conceição

**Fazendo a marcação** – A marcação é feita com um compasso. Consiste em marcar no papel as medidas opostas dos pontos opostos do diâmetro encontrado. Mede-se a distância entre os dois pontos opostos do papel com a broca que mais perto chegar de dividir a distância em 5 partes.



Figura 14: marcação para efetuar a Brocação das espadas.

Foto: Nádia Conceição

---

<sup>4</sup>- Ato de furar uma das extremidades das espadas, feito com equipamentos apropriados da pirotecnia. Uma brocação mal feita pode definir o insucesso de uma espada.

<sup>5</sup>- Equipamento usado para fazer o furo na extremidade da espada. As brocas variam de forma e de tamanhos, sua escolha irá depender do diâmetro da espada.

**Acabamento** – último passo da produção.

Um dos componentes usados é uma massa branca composta de clorato, estrôncio e nitrato: a “boca de cor”<sup>6</sup>. Esse composto é responsável pelo colorido presente nas espadas quando são queimadas. As cores, que variam de acordo com a anilina usada na mistura, podem ser amarela, vermelha, azul, verde e lilás.

O “assovio”<sup>7</sup> também é um recurso bastante usado pelos espadeiros para dar um toque especial às suas espadas. Ele é originado da ebulição de três compostos químicos, uma perigosa mistura de ácido fítrico, nitrato de potássio e sulfato de magnésio. Após a precipitação, a mistura deverá ser coada e colocada para secar. Essa mistura não é autorizada por nenhum órgão de fiscalização da produção de espadas, pois é muito perigosa, e pode causar acidentes graves se usada por quem não sabe manusear os compostos químicos.

O último passo a ser utilizado nas espadas é o seu acabamento final. Trata-se da “enfeitação”<sup>8</sup> das espadas, etapa em que se fecham as extremidades das espadas com o papel laminado<sup>9</sup>.

Esta etapa também é feita artesanalmente. A remuneração é de R\$ 15,00 por dúzias de espadas enfeitadas.



Figuras 15 e 16: processo de “enfeitação” das espadas

Fotos: Nádia Conceição

<sup>6</sup> - “Boca de cor” é a denominação utilizada pelos espadeiros para designar o composto usado para dar cor à espada e torná-la mais bela e colorida, sendo a primeira parte a ser queimada.

<sup>7</sup> - Muitos espadeiros usam este composto químico como um diferencial em suas espadas. Costuma-se dizer que é o “grito” da espada no meio da folia.

<sup>8</sup> - Torna as espadas coloridas, além de permitir que os últimos componentes não sejam perdidos.

<sup>9</sup> - Papel com superfície de aparência metálica, por ser recoberto de fina camada de estanho, alumínio ou de outro material, adquirindo assim o aspecto de folha de metal. Geralmente usado para embalagem.



## APÊNDICE B

### A Pirotecnia

Com nome de origem grega, *pur tekne*, que significa a arte de dominar o fogo, a pirotecnia teve início na China com a criação da pólvora. No princípio, por volta do século XIII, o seu uso era apenas de cunho festivo. Com o passar dos tempos, descobriu-se seu grande poder bélico - o que proporcionou o aperfeiçoamento de armas de combates em guerra.

O Brasil, em 1800, já possuía fábricas de fogos de artifícios e, em 1970, contava com uma forte estrutura de regulamentação das fábricas, com sindicatos bem organizados, atualmente, o país é o segundo maior produtor mundial de fogos de artifícios.

As normas que regulamentam a fabricação e o manuseio de fogos de artifícios no país estão a cargo da segurança pública, do Exército, do Corpo de Bombeiros e ou dos órgãos municipais. O objetivo da legislação é combater acidentes e padronizar os estabelecimentos de fabrico.

No Brasil, os fogos de artifício são identificados por classe confira no quadro abaixo:

Classe	Descrição	Limite de pólvora	Restrições	Exemplos
<b>Classe A</b>	Fogos de vista com ausência de estampido	Até 20 centigramas de pólvora	Podem ser utilizadas por crianças acima dos 12 anos, desde que acompanhadas pela supervisão de um adulto.	Balões pirotécnicos, bombinhas, etc.
<b>Classe B</b>	Fogos de artifício com estampido	Entre 21 e 25 centigramas de pólvora		"Pots-a-feu", "morteirinhos de jardim", "serpentes voadoras" e equivalentes.
<b>Classe C</b>	Fogos de artifício com estampido	Entre 25 centigramas e 2,5 gramas de pólvora	De acordo com a definição do Regulamento R-105, não podem ser comprados por menores de 18 anos e sua queima depende de licença da autoridade competente, com hora e local previamente designados, nos casos de festa pública, em	Foguetes com ou sem flecha, rojões com ou sem vara, etc.

			qualquer local, ou dentro do perímetro urbano.	
<b>Classe D</b>	Fogos com estampido	Acima de 2,5 gramas de pólvora		Baterias, morteiros etc.

## Tradição versus Legislação

A tradição de fabricar e “tocar” espadas em Cruz das Almas tem envolvido várias discussões que implicam, diretamente, as normas de seguranças do manuseio dos produtos e da população.

A produção de espadas em Cruz das Almas pode ser encaixada na classe B, porém as fábricas existentes na cidade estão completamente aquém das normas de segurança exigidas pela legislação. De acordo com a legislação, os locais de fabricação e vendas devem ser ventilados, estar a 200 metros de escolas, postos de gasolina, hospitais, entre outros. Contudo, em Cruz das Almas, estão totalmente fora do padrão.

Na época de intensa fabricação de espadas – o São João - as oficinas são montadas em locais mais adversos possíveis, por exemplo: em locais urbanos, nos fundo das casas em locais sem ventilação e pior, os componentes de fabricação são armazenados juntos, sem o menor cuidado para evitar acidentes.

O ofício de se fabricar espadas é passado de geração a geração, o que conservou o caráter artesanal de produção. Alguns estudiosos acreditam que esse caráter pode ter contribuído com permanência da marginalização das oficinas e influenciando na clandestinidade das mesmas. Em Cruz das Almas, o número de oficinas não autorizadas ainda é superior ao de legalizadas. Atualmente é a prefeitura da cidade que regula as normas de fabricação e fiscaliza as oficinas, mas a prática ainda não está enquadrada nas normas nacional da pirotecnia.

De acordo com o prefeito da cidade, Orlando Peixoto, a prefeitura tem realizado campanhas em prol da conscientização dos espadeiros. “O objetivo é mediar os conflitos gerados entre a manutenção de uma tradição raiz, popular e os riscos indesejáveis de acidentes”, enfatiza o

prefeito<sup>10</sup>. Trata-se de campanhas educativas e que têm provocado conseqüências positivas na redução efetiva do número de acidentados a cada ano. O resultado dessas campanhas pode ser perceptível na redução dos números de feridos ano a ano com a brincadeira (confira no quadro abaixo). Porém ainda é necessário que as fábricas de produção dessa tradição sejam inseridas nas normas de legalização pirotécnica.

### Quadro de redução de acidentes

ANO	QUANTIDADE DE FERIDOS
2004	471 feridos
2005	283 feridos
2006	318 feridos (anos de Copa do Mundo aumenta os acidentes)
2007	241 feridos
2008	235 feridos
2009	220 feridos

\*Dados fornecidos pela Santa Casa de Misericórdia de Cruz das Almas

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora em 08 de outubro de 2009, através de e-mail.

## APÊNDICE C

### **Entrevista realizada com o prefeito da cidade de Cruz das Almas, Orlando Peixoto Pereira Filho, no dia 08 de outubro de 2009, por e-mail.**

\* Apoio: Assessor de comunicação da prefeitura de Cruz das Almas, Maurício Medeiros.

#### **1 – A tradicional Guerra de Espadas, que ocorre no dia 24 de junho, é permitida pela Prefeitura Municipal de Cruz das Almas?**

**Orlando** – A Prefeitura de Cruz das Almas respeita uma tradição de raiz secular. A Guerra de Espadas é compreendida como uma grande manifestação popular, que faz parte dos festejos juninos.

#### **2 – Há quanto tempo essa tradição é realizada em Cruz das Almas?**

**Orlando** – Embora não exista precisão temporal, comenta-se que essa tradição permeia toda a história do município.

#### **3 – O que significa a Guerra de Espadas para o município na visão dos governantes e realizadores da festa?**

**Orlando** – Uma tradição de raiz, uma grande manifestação popular.

#### **4 – Qual a contribuição da Prefeitura para a continuação dessa tradição?**

**Orlando** – A Prefeitura de Cruz das Almas tem tentado mediar o conflito entre uma tradição de raiz, popular, secular, e os riscos indesejáveis de acidentes. Essa mediação, com campanhas educativas como a Espadeiro Consciente Respeita a Vida, tem tido conseqüências positivas no respeito ao direito de ir e vir e na redução efetiva do número de acidentados a cada ano.

2004 – 471 feridos

2005 – 283 feridos

2006 – 318 feridos (anos de Copa do Mundo aumenta os acidentes)

2007 – 241 feridos

2008 – 235 feridos

2009 – 220 feridos

Dados fornecidos pela Santa Casa de Misericórdia de Cruz das Almas

#### **5 – Em conversas com alguns espadeiros, tive o conhecimento de que a Prefeitura barrou a criação de uma cooperativa de espadeiros. Segundo eles, a cooperativa teria a parceria de outros fabricantes de espadas da cidade de Santo Antônio de Jesus. Isto procede? E esta iniciativa não pode aumentar o número de feridos?**

**Orlando** – Não! Nunca! Em nenhum momento houve qualquer impedimento por parte da Prefeitura de Cruz das Almas contrário à organização dos espadeiros. Pelo contrário, foi a prefeitura que dialogou, desde 2005, com reuniões e audiências públicas com o intuito de organizar a queima de espadas e diminuir os riscos de acidentes.

**6 – Com relação à criação de um espaço isolado para a guerra, existe alguma negociação com os produtores/tocadores de espadas para que isso ocorra? Isto não pode aumentar o número de feridos?**

**Orlando** – A idéia de um espaço fechado sempre é ventilada por alguns segmentos, no entanto, não existe nenhum projeto formado neste sentido, nem tão pouco nenhum estudo que comprove o aumento ou diminuição dos riscos.

**7 – Devido o crescimento da visibilidade negativa das espadas – na mídia – qual a atuação da prefeitura para conscientizar os espadeiros quanto a fabricação e queima responsável das espadas? Ou qual é o papel dos governantes do município com relação a esta mudança de visibilidade?**

**Orlando** – A mídia estadual, sempre, em todos os anos, trata a queima de espadas de forma negativa, desconsiderando a tradição de raiz e popular. A Prefeitura tem se empenhado para diminuir os riscos e o impacto negativo com ações como:

- reunião com espadeiros;
- estabelecendo um roteiro onde não é permitida a queima de espadas;
- campanha Espadeiro Consciente Respeita a Vida com distribuição de panfletos, folders e anúncios de rádio.

**8 – Considerando a renda gerada, direta ou indiretamente, com a produção e a toca das espadas na cidade, existe possibilidade de erradicação desta brincadeira?**

**Orlando** – Não existe arrecadação direta da produção, fabrico e queima de espadas. A interrupção ou não da tradição nunca esteve associada à renda gerada para a atividade. Até mesmo porque, tradição é tradição. A continuidade ou erradicação de uma tradição não depende de um decreto do Poder Executivo. Mas sim da organização e mobilização de diversos setores sociais e poderes constituídos.

**9 – Quanto o município lucrou com a produção e venda das espadas neste são João?**

**Orlando** – Como a atividade não é regulamentada oficialmente pelo município, ou seja, é muito mais uma manifestação espontânea, não há relação econômica tributada pela Prefeitura. A renda ou geração de emprego existe, é salutar e informal. Porém, nunca foi mensurada.

**10 – Em relação ao Arraiá da cultura Popular, qual é o número de visitantes na cidade?**

**Orlando** – Considerando a proximidade de Salvador quando comparado com outros municípios que realizam a festa, Cruz das almas recebe, em média, cerca de 100 visitantes durante os cinco dias de festa.

**11 – Quais os lucros no comércio da cidade com os festejos juninos deste ano (2009)?**

**Orlando** – Durante os festejos juninos a economia do município gera algo em torno de 1500 empregos e, conforme números da Secretaria da Fazenda, R\$ 10 a R\$ 12 milhões rodam no comércio local.

## **ANEXO 1**

**DECRETO 6465/97 | DECRETO Nº 6.465 DE 09 DE JUNHO DE 1997 DA  
BAHIA**

## **Decreto 6465/97 | Decreto Nº 6.465 de 09 de junho de 1997 da Bahia**

Aprova o Regulamento do Fabrico, Comércio e Uso de Fogos de Artifício e de Estampido no Estado da Bahia.

Links patrocinados

O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, considerando a necessidade de regulamentar adequadamente a fabricação, comércio e uso de fogos de artifício e de estampido, pelo perigo ou dano que podem causar à coletividade; considerando, ainda, o resguardo do sossego público a que todos têm direito, sobretudo nos populosos centros urbanos; considerando, por fim, o disposto nos arts. 10 e 11, do Decreto-lei Federal nº 4.238/42 e no art. 31, letra g, do Regulamento 105/63, do Ministério da Guerra, aprovado pelo Decreto Federal nº 55.649/65, D E C R E T A

Art. 1º - Fica aprovado o Regulamento do Fabrico, Comércio e Uso de Fogos de Artifício e de Estampido, que com este se publica.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o Decreto nº 29.632, de 31 de maio de 1983. PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 09 de junho de 1997.

PAULO SOUTO  
Governador

Francisco de Souza Andrade Netto  
Secretário da Segurança Pública REGULAMENTO DO FABRICO, COMÉRCIO E USO DE FOGOS DE ARTIFÍCIO E DE ESTAMPIDO

### **CAPÍTULO I**

#### **DAS FÁBRICAS**

Art. 1º - As fábricas de fogos de artifício e de estampido só poderão funcionar mediante expressa autorização policial anual, após atendimento das seguintes condições:

- I - apresentação de Título de Registro, expedido pelo Ministério do Exército;
- II - vistoria técnico-policial, realizada pelo Instituto de Criminalística ?Afrânio Peixoto? - ICAP, do Departamento de Polícia Técnica, da Secretaria da Segurança Pública;
- III - assistência de um químico ou técnico responsável.

Art. 2º - A critério dos órgãos de fiscalização do Ministério do Exército, poderão funcionar, independentemente da autorização policial, as fábricas, tipo artesanato, de reduzido capital de instalação e giro, situadas em pequenas cidades, às quais será exigido certificado de Registro, após atendimento dos seguintes requisitos:

- I - apresentação de Atestado de Blaster, fornecido pelo órgão policial sobre a capacidade técnica do responsável;

II - preenchimento, pelo órgão policial, do questionário enviado pelo órgão de fiscalização do Ministério do Exército.

Art. 3º - As fábricas de fogos de artifício e de estampido são permitidas somente nas zonas rurais, ficando suas instalações sujeitas à legislação em vigor.

Art. 4º - É proibida a fabricação de fogos de artifício e estampido em locais não autorizados.

Art. 5º - São as seguintes as distâncias mínimas de instalações das fábricas de fogos de artifício e de estampido:

I - 200 (duzentos) metros de qualquer via ou logradouro público;

II - 50 (cinquenta) metros de residências.

Art. 6º - Os projetos de instalações das fábricas de fogos de artifício e de estampido dependem de aprovação de autoridade competente.

Art. 7º - É proibida a venda de fogos a varejo nas instalações das respectivas fábricas.

Art. 8º - Os fabricantes de fogos são obrigados a manter um livro de escrituração de estoque de produtos químicos básicos, onde lançarão, diariamente, as compras e o consumo de material, enviando ao Ministério do Exército, ou a seus órgãos, mapas bimestrais resumidos, constando as entradas com nomes dos fornecedores, as saídas e saldos existentes.

Art. 9º - Estão sujeitos à fiscalização, desde a fase de fabricação:

I - as chamadas "espoletas de riscar";

II - os estopins para uso pirotécnico;

III - os canudos de papelão, taquara ou metal, carregados com pólvora;

IV - qualquer produto químico controlado, destinado à fabricação de fogos de um modo geral.

## CAPÍTULO II

### DA CLASSIFICAÇÃO

Art. 10 - Os fogos de artifício e de estampido, considerados permitidos, classificam-se de acordo com as modalidades e espécies exemplificativas constantes do ANEXO

ÚNICO, que integra este Regulamento.

## CAPÍTULO III

### DAS PROIBIÇÕES

Art. 11 - Ficam proibidos o comércio, no atacado ou no varejo, o depósito, trânsito e uso, no território do Estado, dos seguintes fogos:

I - foguetinhos infantis, com ou sem bomba (buscapé);



- II - diabinho maluco (buscapé sem vareta) e similares;
- III - assobio pirotécnico para queima no chão;
- IV - as pipocas, os espanta-coiós, arrastapés e outros, por conterem massas tóxica e venenosa (fósforo branco);
- V - bombas de parede e bombas acondicionadas com material plástico;
- VI - balões em geral, excetuando-se as lanternas japonesas com mechas de peso não superior a 02 (dois) gramas;
- VII - trepa-moleques com ou sem bombas;
- VIII - os fogos contendo nitroglicerina, sob qualquer forma, inclusive dinamite, ou qualquer material explosivo ou inflamável, capaz de por si ou combinado com outros elementos, provocar incêndio ou causar acidentes pessoais ou danos materiais;
- XVII - bombas com mais de 08 (oito) gramas de pólvora ou material explosivo;
- XIX - fogos importados.

Parágrafo único - Fica também proibido:

- I - fazer ou alimentar fogueira nas ruas ou logradouros públicos;
- II - colocar bomba nas vias públicas, nas passagens de veículos de carga ou de passageiros;
- III - atirar bombas de veículos para via pública;
- IV - atirar fogos de estampido próximo a hospitais, delegacias, quartéis e postos de combustíveis.

## CAPÍTULO IV

### DO COMÉRCIO

Art. 12 - Nenhuma casa comercial ou particular poderá vender, expor à venda a varejo, ou por atacado, os fogos considerados proibidos, sem autorização prévia de órgão policial competente.

§ 1º - Não será concedida autorização para instalações de barracas destinadas ao comércio de fogos de artifício e de estampido em vias ou logradouros públicos, quando julgado inconveniente, após prévia vistoria técnico-policial, tendo em vista as seguintes condições:

- I - segurança das instalações das barracas ou estabelecimentos apropriados;
- II - afixação de advertência da proibição de fumar, no recinto do estabelecimento ou barraca;
- III - instalação elétrica blindada, de acordo com as normas técnicas vigentes;
- IV - estoque bem acondicionado e em local visível e de fácil acesso;
- V - área de circulação e evacuação do público, em qualquer situação de emergência.

§ 2º - Será revogada a autorização concedida aos comerciantes estabelecidos para venda de fogos de artifício e de estampido que não tiverem, nos estabelecimentos, um extintor de incêndio de água pressurizada com capacidade de 10 (dez) litros para cada 12 m<sup>2</sup> de área e um extintor de incêndio de pó químico com capacidade para 8 kg.

§ 3º - Somente serão permitidas instalações para venda de fogos de artifício e de estampido se observados os seguintes aspectos:

- I - para pontos de venda isolados:

- a) poderão ser utilizadas lojas térreas, sem pavimento superior e lojas com pavimento superior não ocupado, construída em alvenarias de elevação de blocos cerâmicos, de concreto, tijolos ou similares e cobertura de laje, telhas cerâmicas ou cobertura metálica;
- b) deverão obedecer a uma distância mínima de 10 (dez) metros de qualquer outra edificação e de 500 (quinhentos) metros de outro estabelecimento que comercialize mercadoria similar e em qualquer direção (frente, fundos e laterais);
- c) deverá ser respeitado o estoque máximo de 5.000 (cinco mil) quilos de produtos pirotécnicos compreendidos nas classes A e B.

#### II - para conjunto de pontos de venda:

- a) será obrigatório mínimo de 50 (cinquenta) metros de qualquer edificação permanente;
- b) em caso de hospitais, postos de saúde, igrejas, escolas, prédios tombados, depósitos de inflamáveis, instalações policiais, quartéis, depósitos e áreas de armazenamento, estações, subestações e torres de eletricidade, estações de rádio e televisão, feiras livres, paradas de coletivos, casas de diversões públicas, clubes sociais e esportivos, hotéis, pousadas ou pensões, postos e bombas de combustíveis em geral, locais onde haja aglomeração popular e edificação pública de qualquer natureza, cujo afastamento não será menor que 200 (duzentos) metros.
- c) será observado ainda o limite máximo de 25.000 (vinte e cinco mil) quilos de produtos pirotécnicos acondicionados em embalagem para o conjunto de pontos de venda destes produtos e instalados em um mesmo local.

#### III - das condições de segurança:

- a) qualquer imóvel que for destinado ao comércio dos produtos em questão, além dos equipamentos de segurança, prevenção e combate a incêndio, deverão possuir saídas laterais de emergência com largura mínima de 1 (um) metro, sendo que a fachada do mesmo deve possuir portas em toda a sua extensão com distância máxima de 30 (trinta) centímetros entre as mesmas, que permanecerão abertas durante seu funcionamento;
- b) nas cidades que não dispuserem de unidades do Corpo de Bombeiros ou brigadas de incêndio, as distâncias acima deverão ser majoradas para o dobro das estipuladas.

#### IV - da aprovação e fiscalização:

- a) o cumprimento do que é previsto nos itens anteriores está sujeito à aprovação e fiscalização do Instituto de Criminalística do Departamento de Polícia Técnica do Estado a Bahia;
- b) Os pontos de venda deverão ser licenciados pela prefeitura do município, que emitirá o respectivo alvará de funcionamento.

Art. 13 - Os fogos de qualquer classe, quando expostos a venda, deverão ser devidamente acondicionados, trazendo impresso, bem claro no rótulo, os necessários esclarecimentos sobre o manejo, efeito, denominação, classe (A, B, C, D) , procedência e, bem visível, o nome da fábrica ou fabricante.

Parágrafo único - Em caso de duvida sobre a veracidade do impresso no rótulo, serão apreendidos exemplares para exame.

Art. 14 - Dentro da distância mínima de 200 (duzentos) metros em que funcione a fábrica de fogos ou dependência, não será permitida a sua venda a varejo.

Art. 15 - Os fogos da classe "A" podem ser vendidos a qualquer pessoa.

Art. 16 - Os fogos da classe "B" não podem ser vendidos a menores de 16 anos, e os das classes "C" e "D", a menores de 18 anos.

Parágrafo único - A venda a varejo dos fogos de artifício e de estampido das classes A, B, C e D depende de autorização da Polícia.

Art. 17 - É proibida a venda de produtos químicos controlados para fins pirotécnicos a quem não tenha licença do Ministério do Exército para fabricação ou comércio de matéria-prima, devendo as notas fiscais emitidas conter, obrigatoriamente, o número de registro do comprador ou a data do título expedido pelo Ministério do Exército.

Art. 18 - As pessoas físicas ou jurídicas somente poderão exercer o comércio de produtos controlados para fins pirotécnicos, depois de devidamente registradas no Ministério do Exército.

## CAPÍTULO V

### DO TRANSPORTE

Art. 19 - O transporte de fogos de artifício e de estampido depende de autorização policial, cuja autoridade expedirá guia de tráfego.

Parágrafo único - Fica proibido o transporte de fogos de artifício e de estampido por via marítima, em embarcação destinada a passageiros.

Art. 20 - Ainda que para fins de espetáculo pirotécnico, o transporte de fogos e componentes diversos, compreendidos na classe "D", também depende de autorização policial, na forma do artigo anterior.

## CAPÍTULO VI

### DA QUEIMA E USO

Art. 21 - Os fogos da classe "A" poderão ser queimados livremente, exceto nas portas, janelas ou terraços que dêem para via pública.

Art. 22 - Os fogos da classe "B" não podem ser queimados nas portas, janelas ou terraços que dêem para via pública e a menos de 300 (trezentos) metros de hospitais, casas de saúde, estabelecimentos de ensino, repartição pública, casas que comerciem no ramo de fogos e postos de combustíveis.

Art. 23 - A queima de fogos da classe "C" depende de autorização da autoridade competente, com local e hora previamente designados, nos seguintes casos:

- I - para festa pública, seja qual for o local;
- II - dentro do perímetro urbano, seja qual for o objetivo.

Art. 24 - A queima de fogos da classe 'D' e os espetáculos pirotécnicos, em qualquer hipótese, dependem de autorização policial, com hora e local previamente designados.

Art. 25 - É proibida a queima de fogos em lugares de trânsito, de aglomeração ou qualquer outro onde a queima se torne inconveniente.

Art. 26 - A queima de fogos de estampido ruidoso pode ser feita, mediante autorização da Polícia, das 06 às 22 horas.

Parágrafo único - Nos dias e vésperas das tradicionais festas de Santo Antonio, São João e São Pedro, a queima poderá se prolongar até às 24 horas.

## CAPÍTULO VII

### DAS PENALIDADES

Art. 27 - Os fogos de artifício que forem encontrados nas casas comerciais em desacordo com as disposições do presente Regulamento serão apreendidos e recolhidos:

I - na Região Metropolitana de Salvador - RMS, pela Divisão de Produtos Controlados - DPC, do Departamento Especializado de Investigações Criminais - DEIC;

II - no Interior do Estado, pela respectiva Divisão Regional de Polícia do Interior ou pela Delegacia de Polícia Municipal, do Departamento de Polícia do Interior - DEPIN.

Art. 28 - A inobservância de qualquer dispositivo do presente Regulamento será punida com aplicação das multas previstas no Decreto-lei Federal no 4.238, de 08.04.42, fixando-se os seus valores de 50 (cinquenta) a 500 (quinhentas) UFIR, e a suspensão da licença para venda.

Parágrafo único - Após o pagamento da multa arbitrada, os fogos proibidos serão inutilizados, com as formalidades legais, e os permitidos, regularizada a situação do infrator, poderão ser restituídos.

## CAPÍTULO VIII

### DA DESTRUICÃO

Art. 29 - A destruição deverá ser feita por pessoal hábil, em locais limpos, distantes de habitações, ferrovias e depósitos, dependendo, ainda, da autorização do órgão Militar competente.

Parágrafo único - A forma de destruição recomendada é a de combustão ou queima.

## CAPÍTULO IX

### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 30 - Compete à Polícia Civil da Bahia, através da Divisão de Produtos Controlados - DPC, do seu Departamento Especializado de Investigação Criminal - DEIC, a fiscalização, compreendendo vigilância observadora e inspeção, e autorização, para os fins indicados neste Regulamento.

Art. 31 - Para o cumprimento de suas específicas atribuições, ora regulamentadas, a Divisão de Produtos Controlados - DPC, do DEIC, será auxiliada, na RMS, pelas Divisões Regionais de Polícia Metropolitana e suas Delegacias Circunscricionais, do Departamento de Polícia Metropolitana - DEPOM, e no interior do Estado, pelas Divisões Regionais de Polícia e suas Delegacias de Polícia do Município, do DEPIN, da estrutura da Polícia Civil.

## A N E X O Ú N I C O

### CLASSIFICAÇÃO DOS FOGOS

#### 1 - Classe A - Compreendendo:

- a) fogos de salão ou de vista, sem estampido, tais como: fósforo de cor, vela, chuva, pistola em cores, bastão e similares;
- b) fogos de pequeno estampido (artigos de chão) tais como: estalo de bebê (traque), estalo de salão e similares, desde que a carga explosiva não ultrapasse o limite de 0,2g;
- c) lanternas japonesas ou voador, com mechas de peso não superior a 2,0g.

#### 2 - Classe B - compreendendo:

- a) os fogos sem flecha (canudo de papelão), de assobio ou lágrima e os de um a três tiros, desde que cada bomba não contenha mais de 0,2g de pólvora;
- b) os fogos com flechas (foguetes ou rojão) com vara, de cores, sem estampido;
- c) os espirais (autogiro, helicóptero, aeroplano, girândola, disco voador), morteiro sem estampido (carioca, repuxo, chinês, luxo) e a serpente voadora ou similar, todos de efeito colorido, sem estampido.

#### 3 - Classe C - compreendendo:

- a) fogos sem flecha (artigo de ar com canudo de papelão) ou com flechas (foguetes ou rojão de vara), desde que cada bomba não contenha mais de 6,0g de pólvora, podendo ser de estampido ou estampido e cores;
- b) os morteiros de qualquer calibre, até 3 polegadas, sem estampido, com tubo de papelão ou metal, de cores ou fantasia, sem massa explosiva;
- c) os morteiros de até 3 polegadas de estampido, desde que as bombas não contenham mais de 6,0g de pólvora;
- d) as girândolas (artigo de chão) de estampido ou de estampido e cores, cujas bombas não contenham mais de 6,0g de pólvora;
- e) fogos de estampido, tendo mais de 0,25g de pólvora.

#### 4 - Classe D - Compreendendo:

- a) os fogos, com ou sem flecha (artigo de ar), cujas bombas não contenham mais de 8,0g de pólvora;
- b) morteiro de estampido de qualquer calibre fixado ao solo, desde que projetado por meio de tubo metálico ou de papelão, cuja bomba contenha mais de 8,0g de pólvora;
- c) salvas de tiro, usadas em festividades, desde que cada bomba contenha mais de 8,0g de pólvora;
- d) peças girotécnicas, presas em armações especiais usadas em espetáculos pirotécnicos;

e) fogos de estampido (artigos de chão), bombinha de riscar, que contenham mais de 2,50g de pólvora.

## **ANEXO 2**

### **NORMA TÉCNICA Nº 08/2002 – FOGOS DE ARTIFÍCIO - CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL**